

Claude Dubar
Erik Laloy
Jens Thoemmes
Vanilda Dubar-Paiva (org.)

A REFORMA DA VIDA

Em busca de uma outra
modernidade



A Reforma da Vida

Em busca de uma outra modernidade

Claude Dubar

Erik Laloy

Jens Thoemmes

Vanilda Dubar-Paiva (Org.)

G a r a m o n d

Copyright © dos autores

Direitos reservados para esta edição

Editora Garamond Ltda

Caixa Postal: 40.854

20261-970 – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Tel/fax: (21) 2504-9211

www.garamond.com.br

editora@garamond.com.br

Revisão Alberto Almeida

Editoração Estúdio Garamond

Capa Estúdio Garamond

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

SUMÁRIO

<i>Apresentação</i>	7
I. Conteúdo e origens da “Reforma da vida”: a busca de outra modernidade	17
<i>Vanilda Dubar-Paiva</i>	
II. A noção de Leben na filosofia alemã do século XIX	95
<i>Claude Dubar</i>	
A filosofia kantiana e a Aufklärung.....	96
O Grupo de Iena e a fundação do idealismo romântico	103
Schelling e a ideia de uma filosofia da Natureza	104
A Symphilosophie de Friedrich Schlegel (1772-1820).....	106
A hermenêutica romântica de Schleiermacher	108
Marx e a “vida real, material, multidimensional”	111
Schopenhauer e a vida como Vontade, força e desapego.....	115
Dilthey e a Lebensphilosophie: experiência, hermenêutica, autobiografia.....	120
Uma reinterpretação da Lebensphilosophie alemã e de suas origens	120
A primeira hermenêutica de Dilthey: crítica da razão histórica e do psicologismo	121
A segunda hermenêutica de Dilthey: defesa da autobiografia e objetivação da vida.	124
As seis teses de Dilthey sobre a Vida (vida, vie) no texto A Edificação....	127
III. A concepção de trabalho na Reforma da Vida no começo do século XX	135
<i>Jens Thoemmes</i>	
Do canto ao campo de trabalho.....	140
Reencontrar o ritmo para colocar a indústria a serviço do homem.....	143
A dança para unir um mundo do trabalho dividido	145
O trabalho do dançarino.....	148

IV. Nietzsche e a Reforma da Vida	155
<i>Claude Dubar e Vanilda Paiva</i>	
Sobre a influência de Nietzsche no início do século XX.....	161
Influências sobre Nietzsche.....	166
A ideia-mãe de FN: afirmação da vida e do “bom humor” (Heiterkeit), feito de simplicidade e alegria	172
O itinerário de FN: a redescoberta da vida a partir da doença	174
A valorização da Vida contra os valores morais idealistas.....	177
A interpretação da vida como perspectiva monista, naturalista e nominalista.....	181
A paixão de sua própria vida e o imperativo: Torna-te o que tu és	184
A definição sintética da Vida como força vital.....	186
V. A Música Romântica e a vida	191
<i>Erik Laloy</i>	
Prelúdio.....	191
Problemática	193
Método	194
Filosofia Romântica: a música no apogeu da arte.....	194
Metamorfose da poesia pelo Lied: Schubert	195
Beethoven e o universo dos sentimentos.....	199
Wagner e o universo dos sentimentos	200
Mahler 3ª sinfonia (1896): uma sinfonia cosmogônica.....	203
Significado cosmogônico da Tetralogia de Wagner (1876)	204
Música romântica e expressão da vida histórica.....	208
Revolução francesa e música: Beethoven (a música visa à transformação das massas)	210
Função da arte segundo os românticos	210
Função da música: elevar educar e regenerar os homens.....	211

Apresentação

A Reforma da Vida, movimento social do século XIX e início do XX, é pouco conhecido. Aquele movimento, que não chegou nem pretendeu a ser articulado, nunca foi um tema abordado com frequência nem na sua época, nem no último século – após ter sido em parte reprimido e em parte tendo práticas assimiladas e usadas pelo nazismo, como ocorreu com muitas das manifestações culturais alemães. Por outro lado, como movimento “prático”, ligado à “vida vivida” não merecia interesse por parte dos intelectuais dedicados a grandes ideias. A tese de doutorado de Wolfgang Krabbe (1974) *Transformação social através da Reforma da Vida* foi uma exceção a este quadro, mas ele, em boa medida, se concentrou sobre a questão produção-consumo através da rede das *Reformhaus* – estabelecimentos comerciais dedicados a produtos “reformistas” e considerados como algo especificamente alemão.

O autor se tornou muito mais conhecido a partir de 2001, quando se realizou a Exposição no *Mathildenhöhe* – comemorando simultaneamente os cem anos da morte de Nietzsche e os cem anos da exposição *Um documento de arte alemã* em Darmstadt. Foi um evento longamente preparado, organizado com grande sofisticação e eternizado em dois imensos e enciclopédicos Catálogos (Buchholz *et alii*, 2001) que rapidamente se esgotaram. Foi também um ato político, pretendendo claramente romper, no começo do novo século e do novo milênio, o pacto de silêncio que predominou na Alemanha ao longo de muitas décadas depois de vencido o nazismo: a vergonha diante da barbárie cometida a partir de 1933 e ao longo da Guerra, a Shoa, valeu para várias gerações. Foi um ato de afirmação da cultura e de práticas que – conhecidas aos pedaços – são apresentadas com a articulação possível.

O silêncio referiu-se ao cotidiano vivido durante o período 1933-45 e aos atos cometidos sob o comando de uma ultradireita intelectualizada e cruel,

disciplinada e consciente de suas finalidades e métodos, mas referiu-se também a muitas das ideias que conformaram a cultura alemã nos últimos dois séculos. Isto não significa dizer que a população alemã como um todo tivesse plena consciência daquilo que ocorria/ocorreu durante a guerra. Esta foi também instrumento para sair da grande inflação, da crise e gerar a retomada da indústria, do emprego e de algum bem estar, provocando satisfação entre os menos conscientes. O antisemitismo foi um instrumento de coesão, porque ele grassava na Europa desde a Idade Média, intensificando-se após a expulsão dos judeus da Espanha e Portugal e seu estabelecimento em países como a Holanda e a Alemanha, onde sua integração foi tão profunda quanto a intensificação dos sentimentos contrários por parte da população local – em especial diante das condições pós-Primeira Guerra. Os judeus, desde há muito proibidos de possuir e cultivar a terra, foram empurrados para o comércio e a usura, acumulando grandes riquezas que provocavam sentimentos de exploração e desejos de apropriação que se somavam a questões de ordem religiosa e formas de vida. Entre a população alemã nem todos se viram em situações de maior sofrimento com o nazismo ou tiveram condições de vencer o enorme medo que também afligiu amplamente a população local (Pollak, 1986).

Somente nos últimos anos, meio século após o fim do conflito mundial, deu-se a conhecer a todo o mundo as centenas e centenas de horas filmadas pelos nazistas sobre seus próprios “feitos” – da repressão na Alemanha e em países invadidos, da conduta na guerra às prisões, maus-tratos, deportações, campos de concentração, formas de extermínio, tudo mostrado em detalhes como “documento histórico” sobre como morreram 50 milhões de pessoas. No seu cotidiano, a população em geral, revoltada com a humilhação do país, com o empobrecimento e a Grande Inflação gerados pelo pagamento das indenizações de guerra, sentindo-se injustiçada por ser considerada como o principal promotor da grande carnificina que foi a Primeira Guerra Mundial e submetida à intensa propaganda antisemita, conhecia além dos desfiles, grandes comícios, pressões e ameaças de todo tipo, sugestões, indícios, obrigação de se inscrever em organizações criadas pelos nazistas, ordens, acontecimentos próximos, desaparecimentos, suicídios, além das famílias se verem atingidas pela convocação pelo serviço militar e por muito medo, mas o que se passou neste período somente os filmes nazistas podem dar uma ideia. O filme de Edgar Reitz *Heimat* lança alguma luz sobre o dia a dia da população alemã no período.

No pós-guerra e durante a guerra fria travou-se importante luta pela hegemonia no plano das ideias que atravessou não só a Alemanha. Além da difusão dos ideais democráticos norte-americanos, estabeleceu-se uma profunda divisão de águas. De um lado estaria a *Aufklärung*, o esclarecimento, a maturidade, a autonomia, o juízo crítico. De outro o “retorno à natureza”, ao primitivo, a tudo que impede uma verdadeira liberdade. Na linhagem de Kant, a *Auflärung* prosseguiu seu caminho com Marx e seus descendentes. O mesmo teria acontecido a partir de Hamman e todos aqueles que promoveriam uma “pseudo-individualização”. O romantismo passou a ser apresentado como a “antecâmara do nazismo”. Foi um período de grande divulgação do marxismo – cujo auge foi os anos 60-70 –, e as diretrizes do regime estalinista eram repassadas aos partidos nacionais mundo afora através do *Kominform* (Peralva, 1960/2009).

O controle era de tal ordem que mesmo Gramsci temia que seus *Cadernos do Cárcere* caíssem em mãos de Togliatti, que ele supunha contribuir para sua permanência durável como prisioneiro. De fato, os *Cadernos* terminaram em Moscou, nas mãos de Togliatti, que os “editou”. Suspeita-se que o *Caderno 33*, no qual ele abandona o comunismo, foi destruído ou dissimulado (Piparo, 2014; Canali, 2013). Se assim foi com um dos grandes teóricos do marxismo, pode-se entender que a condenação dos românticos tenha sido de muito maior amplitude – indo da filosofia à poesia, ao teatro, à música, à pintura certamente, terminando por respingar em cientistas sociais do século XX e em toda a intelectualidade não marxista. A retomada de *Mathildenhöhe* em 2001 foi também a reafirmação de que nem tudo na Alemanha foi nazismo.

A abordagem da Reforma da Vida nos dias de hoje já é bem diferente daquela dos anos de preparação da Exposição (segunda metade dos 90). Naqueles anos, intelectuais marxistas ainda tinham que, de algum modo, desculpar-se (fazer autocrítica) por tratar de tal questão, como se vê no artigo de Wiggershaus (2001). No entanto, o contexto de hoje é outro. Os perigos que ameaçam a vida tornaram-se não apenas muito mais visíveis, sentidos no cotidiano (na forma de chuvas incessantes por vezes com pedras de gelo de tamanho nunca visto, inundações, tsunamis, usinas nucleares em pane, mudança na temperatura, seu ritmo e consequências na forma de secas, transbordamento dos rios, aumento do frio e do calor afetando as condições de vida e sobrevivência não apenas dos homens, mas da flora e da fauna, intensidade de raios, tornados, poluição etc.), mas passaram a ser vividos conscientemente e no dia a dia, em suas consequências,

por uma grande parte da população mundial. Por isso, extrapolaram dos movimentos ecológicos e dos gabinetes governamentais para serem re-tematizados no âmbito propriamente intelectual. Isto fez com que buscássemos reencontrar as raízes filosóficas, artísticas, culturais e ideológicas do velho movimento e mostrar sua atualidade no que concerne à arte, à ecologia, à mundialização cultural, à preservação da natureza, da saúde e da vida.

Este livro não tem, e não poderia ter, a pretensão de tocar nos inúmeros temas da Reforma da Vida. Foram nele privilegiadas a história das ideias e da filosofia, o trabalho, a saúde, corpo, a música: uma espécie de amostra de temas que têm ressonância nos nossos dias, sem qualquer preocupação com a exaustividade, mas mergulhando num movimento pouco conhecido ou esquecido que vive ainda em práticas cotidianas e deve ser visto como antepassado da ecologia contemporânea.

Embora preocupados com as consequências da Revolução Industrial sobre a vida das massas urbanas, os Reformistas da Vida não participaram das lutas políticas entre comunistas, liberais e conservadores – embora cada qual tivesse sua posição e alguns deles tivessem tomado parte da Revolução liberal de 1848. A tendência da RV não é a discussão propriamente política, mas os princípios que regem a “vida vivida”. Eles não discutem Marx, nem Bernstein, nem Kautsky, mas sua direção é clara: desejam uma Terceira Via entre comunismo e capitalismo, entre a sociedade regida pelo “instinto animal” e a planificação despótica. Ao defenderem uma Terceira Via teriam podido unir-se à social-democracia e alguns o fizeram. Mas não atuaram em função de ambições de conquista e manutenção do poder. Seus princípios surgem demasiado cedo no contexto de grupos pré-políticos no sentido contemporâneo ou são ainda marcados pela dominância da questão religiosa. No caso de indivíduos isolados, encaminham-se para discussões mais concretas ligadas à saúde, ao corpo, ao movimento, à alimentação saudável (macrobiótica – hoje seriam produtos sem agrotóxicos e não geneticamente modificada), próxima do que a natureza criou, ao bem estar da mente e do corpo, como aquele derivado do conforto na vestimenta, da beleza nos interiores e da funcionalidade dos objetos.

As questões da RV eram, no entanto, profundas e se mantiveram presentes na vida civil, política e intelectual de muitos povos europeus e mesmo não europeus.

O caso alemão tem de específico a amplitude dos temas e das práticas, bem como o volume de população que as assimilou. Emergem, são tematizadas na vida diária das populações e disseminam-se. Sobreviveram como parte dos valores de nossos dias como defesa das condições do corpo que precisa receber a luz do sol (hoje diríamos, que fabrica suficiente vitamina D), viver em condições de ar puro (onde proliferam menos bactérias, fungos e correspondentes enfermidades) e que devem ser capazes de promover de muitas outras maneiras a saúde (movimento, exercícios que elevam o humor, posições ergonômicas, diríamos hoje), evitando a nicotina (o câncer), o álcool (doenças diversas), os constrangimentos ao corpo e todo tipo de artificialismo.

Em diversos aspectos este movimento difuso aparece no início do século XIX, sob a influência ampla do romantismo e da indofilia. Busca a Saúde Perfeita, a “renovação interior”, a beleza, sem preocupação com uma teoria mais ampla de explicação da realidade social. Os reformistas pretendem renovar a totalidade do viver, compartilhando crenças difusas e uma perspectiva de futuro nebulosa. Acompanha a ampliação do cuidado e dos estudos da natureza (plantas, florestas, pedras, animais, sol, água, luz, cores), e da cultura do corpo (exercícios, vida ao ar livre, banhos de luz e de sol, hidroterapia, ginástica, massagens, *Wanderung*, alimentação, *Schrebergarten*). Não sendo sempre possível prevenir doenças, sua cura lança mão de ervas e plantas (o que se transformará, mais tarde, em desconfiança sobre os efeitos da indústria farmacêutica). Louvam-se as formas modernas de arte, porque mais puras em suas linhas, mais naturais e próximas da vida.

Muitos foram aqueles que, em função de suas posições reformistas, precisaram emigrar da Alemanha, e a maioria o fez em direção aos Estados Unidos. Neste caso não se tratou da saída do campo diretamente para a emigração, como ocorreu com a população rural. Tratou-se de uma emigração ditada por convicções, por perseguição social, cultural ou política e, por isso, o seu impacto como fonte de difusão de princípios da Reforma da Vida foi significativo. Não assumiu este nome na América, mas muitas práticas ali se instalaram e se desdobraram.

Nos Estados Unidos, a influência hindu, vinda da Inglaterra, se reforça com os reformistas. Ganhará, no entanto, peso específico quando da difusão das ideias de Gandhi e o caráter pacifista da luta pela independência. No pós-guerra são imensas levas de americanos que se dirigem à Índia e que contribuem, no clima específico de liberdade do período que sucede a II Guerra Mundial, a moldar progressivamente a *New Age* e a forma que ganha aí o movimento de 1968,

profundamente imbricado ao movimento feminista, ao movimento negro e à afirmação da negritude. Ninguém pode lembrar 68 nas Américas sem pensar em Malcom X ou em Ângela Davis.

Chega a nossos dias em muitos de seus aspectos – das preocupações com a alimentação, com a indústria farmacêutica, com os produtos transgênicos, com todas as implicações da indústria química, com as roupas de tecidos artificiais que não deixam o corpo respirar. Mostra-se na liberdade crescente das mulheres no Ocidente e em parte do Oriente, da luta pela equidade em outras partes do mundo, na ergonomia. Iluminismo (instrumental ou crítico) e romantismo continuaram seus conturbados caminhos. E, se o racionalismo conduziu a humanidade a níveis de conhecimentos jamais imaginados, se provocou – no alvorecer do século XXI – uma nova e profunda revolução, se continua a transformar a organização do trabalho, a inserção dos homens nas sociedades e a relação entre os seres humanos, a desvendar os segredos do mundo e a colocar em questão preconceitos e crenças, ele também começou a destruir – especialmente nos últimos anos – muitas esperanças em relação ao destino do planeta, do mundo e do homem.

Fica mais claro que o romantismo constituiu, desde o começo, o outro lado da moeda: a valorização do passado, da lentidão, dos sentimentos, do psiquismo, dos “movimentos da alma”, dos sonhos, do espontâneo, do natural. Hoje, o “retorno à natureza” reassume seu lugar. Nosso mundo, no século XXI, mesmo pretendendo ser racionalista, na verdade não pode furtar-se a uma mescla ou a diversas mesclas – nem sempre as melhores entre aquelas possíveis, envolvendo as duas correntes. Somos obrigados a concluir que na luta entre Iluminismo e romantismo não houve vencedores nem vencidos e que a Reforma da Vida está viva entre nós.

Agradeço a Patrick Dias, professor emérito da Universidade de Frankfurt/M, que me guiou em meu Estágio Sênior sobre o assunto de que trata este livro e em que pude contar com ajuda do CNPq. Meu texto diz muito pouco das leituras realizadas na Alemanha e na França sobre esta enorme, talvez mesmo a maior parte da cultura alemã (com conexões na França e na Inglaterra), que não integrou minha formação, soterrada pela sólida hegemonia marxista. Ela foi tão forte entre nós que eu poderia dizer, como Zuckmeyer a respeito de sua participação nos *Wandervogel*, que *es war ein Stück von mir!* (era um pedaço de mim). Talvez o

mesmo possa ser dito por muitos sobre a hegemonia de Nietzsche nas primeiras décadas do século. A hegemonia marxista que atingiu grande parte do mundo desde o final da II Guerra teve vida mais longa e começou a ceder somente no final do século passado – diante de novos fenômenos ligados à reorganização da produção, do trabalho, da vida, do conhecimento a partir da nova revolução tecnológica a que estamos assistindo e vivendo e das reviravoltas políticas do final do século. Romper com Nietzsche como mestre único também foi muito difícil para uma geração, mesmo reconhecendo o enorme valor de muitos de seus escritos. Romper com Marx como dono de toda a verdade sobre a “totalidade social”, e reconhecer que não é possível abarcar a todo através de um só autor (nem mesmo de muitos) tem sido uma tarefa dilacerante para muitas gerações desde os anos 80, quando em muitos casos – para usar a expressão oral de um intelectual brasileiro – os livros da MEGA e suas traduções transferiram-se para as estantes lá no alto.

Mesmo assim, talvez se possa dizer que a América Latina é a única parte do mundo em que a hegemonia do marxismo (e, caso raro, do trotskismo, além do castrismo) continua poderosa, apesar de não poder dar conta explicativa de um mundo em que a indústria deixou de ser seu segmento mais importante, de se assistir um país comunista como a China adotar pragmaticamente o capitalismo e seus sofrimentos como maneira de construir um país suficientemente rico para poder redistribuir e promover o bem estar de sua enorme população (colocando em prática exatamente o contrário do slogan *narodnik* de “saltar o capitalismo”, depois de todas as agruras do apogeu populista com a Revolução Cultural), de se conhecer hoje – ao menos na Europa, em países com liberdade de expressão e, fundamentalmente, entre setores cultivados – as barbaridades do despotismo planificado.

Claro que o marxismo ainda tem muito a dizer e a contribuir na análise deste capitalismo mais complexo, financeiro e terciário, mais que industrial. Mas espero que este livro abra um pouco os espíritos à imensa riqueza que a vida intelectual oferece e às dificuldades da aceitação das interpretações totalizantes, como se fosse possível abarcar a totalidade social de uma só penada. Há uma riqueza imensa que qualquer dominação no mundo das ideias nos oculta e – portanto – nos empobrece. Mesmo um movimento de natureza “prática” como a Reforma da Vida tem implicações intelectuais de importância crucial para a compreensão do mundo.

Agradeço ainda a Claude Dubar, professor emérito da Universidade de Versailles, pela colaboração e pelo incentivo que me estimulou a terminar este projeto e a organizar o Seminário que teve lugar no Rio de Janeiro.

Contei com a valiosa colaboração do Prof. Alexandre Fernandes Vaz, professor da Universidade de Santa Catarina e co-coordenador deste último Projeto, e de seus alunos em Florianópolis. Uma de suas alunas, Michelle Bete Petry apresentou um texto sobre o *Jungstill* – centrado na figura de Gustav Klimt – no Seminário de outubro de 2014, e espero ter ali plantado a semente para o estudo do tema mais amplo. Foi de grande importância também a colaboração de todos os tradutores que fizeram não apenas as traduções escritas, mas também a interpretação das apresentações por honorários realmente irrisórios. Foram eles: Vera Calheiros, professora aposentada da UFRJ, Ivo Lesbaupin, professor aposentado da UFRJ, Sarah da Silva Telles, professora da PUC/RJ e Gisélia Potengy, professora aposentada da UFPe.

Devo desculpar-me por não ter inserido, no texto assinado por mim, trechos ou partes mais amplas das citações, mas a explicação básica de um movimento com tal diversidade de conexões impõe uma bibliografia tão ampla que ela se entrelaça entre si e obriga, muitas vezes, a citar apenas um autor quando a questão foi abordada por diversos entre os que foram lidos. De qualquer forma, com tais inserções o texto ficaria ainda mais extenso. De início pensei que as indicações bibliográficas dos Catálogos seriam essenciais para o trabalho e as tomei como ponto de partida. No final, terminei por descartar grande parte delas, mantendo os títulos que foram efetivamente usados na redação deste texto.

Quero também agradecer a ajuda concreta de Elaine Constant na organização do Seminário “A Reforma da Vida” (30-31 outubro 2014). Sem a sua energia, ele teria acontecido via Internet a partir de Teresópolis.

Devo ainda dizer que minha vida acadêmica talvez não tivesse existido sem a sábia e admirável figura do jesuíta Pe. Paulo Meneses, que me empregou durante onze anos no IBRADES. Junto aos jesuítas, tive a oportunidade de aprender muito sobre a Igreja e sobre a ordem, de conhecer personagens admiráveis como P. Henrique Lima Vaz, Pe. Ávila, Pe. Libânio e muitos outros. Lá estive ao abrigo das lamentáveis lutas, vinganças e grupelhos que dominam nossas universidades, gerando medo entre professores e estudantes quando precisam expressar-se, decidindo quem pode ou não pode ser citado, o que poder ser dito, restringindo a liberdade de pensamento e o conteúdo dos cursos. O IBRADES não era uma

universidade, mas as instituições de apoio à pesquisa o tratavam como tal. Sou também grata à CAPES por uma curta bolsa que me ajudou a terminar o mestrado em 1972. Mas minha formação e atuação profissional estão decididamente ligadas ao DAAD que, face às dificuldades enfrentadas durante a ditadura, me ofereceu condições de realizar meu doutorado em 1978 e manter-me em dia com a literatura, e ao CNPq, ao qual tenho estado ligada como PQ nos últimos 35 anos e que me possibilitou a bolsa de pós-doutorado sobre o tema deste livro.

Vanilda Paiva

Referências

- ADORNO, Theodor/ HORKHEIMER, Max (1969) *Dialektik der Aufklärung*, Ffm, Fischer Verlag.
- BUCHHOLZ/LTOCHA/PECKMANN/ WOLBERT (Hrgb) *Die Lebensreform. Entwürfe zur Neugestaltung von Leben und Kunst um 1900*. (2001) Darmstadt, Verlag Häusser, Band I u. II.
- CANALI, Mauro (2013) *Il tardimento: Gramsci, Togliatti et la verità negata*. Marsilio.
- KRABBE, Wolfgang (1974) *Gesellschaftsveränderung durch Lebensreform*. (1974). Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht.
- POLLAK, Michel (1986) La gestion de l'indicible. *Actes de la recherche en sciences sociales*, Vol. 62-63, L'illusion biographique, Paris, p. 30-53.
- PERALVA, Osvaldo (1958/2009) *O retrato*. Rio de Janeiro, Centro Edelstein. Disponível em <http://www.bvce.org/>: http://www.bvce.org/DownloadArquivo.asp?Arquivo=PERALVA_Osvaldo_O_Retrato.pdf
- PIPARO, Franco Le (2014) *Le Deux Prisons de Gramsci*, Paris, CNRS.
- WIGGERSHAUS, Rolf "Philosophie der Jahrhundertwende in ihrem Verhältnis zur Lebensreform. Von der Diskrepanz zw. objektiver und subjektiver Kultur". In: BUCHHOLZ/LTOCHA/PECKMANN/ WOLBERT (Hrgb) *Die Lebensreform. Entwürfe zur Neugestaltung von Leben und Kunst um 1900*. (2001) Darmstadt, Verlag Häusser, Band I.